

Edward



Iniciei o registro do diário utilizando a data padrão. Hoje é uma linda manhã de verão e parece que vou ter bom tempo por todo o dia, o que me dará oportunidade de gravar várias cenas externas para o meu canal. Cheguei a Havana há poucos minutos e espero concluir tudo em até três dias. Talvez seja um dos meus trabalhos mais elaborados, mas vai valer a pena. Principalmente por conta da Nicole.

O carro que contratei já está pronto. Embora os aprimoramentos que fiz possam me ajudar a passear em qualquer cidade e também traduzir as placas e sinais, prefiro ir com um motorista para eu que possa focar em cenas que ache interessantes para os meus vídeos.

Com essas atualizações, não apenas tenho acesso aos dados disponíveis na rede, mas também posso gravar simplesmente olhando para meu ponto de interesse. A edição pode ser feita de forma simples com aplicativos customizados para o implante ou em um computador com o software necessário instalado. Posso transferir os dados criptografados direto dos implantes por meio de wi-fi para minha estação ou mesmo diretamente para meu canal caso seja desejado. Para meu trabalho com vlogs, essa tecnologia se tornou essencial.

Muitas pessoas vêm adotando esses recursos. Alguns preferem manter a discrição e deixar os implantes por baixo da pele. Entretanto, muitos como eu acham atraentes ou mesmo elegante mantê-los à vista. Uma espécie de cyber tatuagem, inclusive por permitir que alguns traços sejam customizados pela pele.

Decidir por iniciar as gravações já no caminho do hotel. Existem muitos prédios antigos preservados nessa parte de Havana, e esse aspecto parece se propagar por um bom pedaço da cidade. Faz você se sentir como em um filme independente antigo pronto para viver algum romance complexo e arrebatador em meio a uma revolução. Esse sentimento me fez alterar o filtro pós gravação para algo mais adequado ao que imagino que fosse da época de algumas dessas produções. Isso pode vir a ser um ótimo material em breve.

Enquanto tentava gravar cada detalhe que me despertava atenção, o carro passava sem pressa pelas ruas da cidade entre diversas casas conjugadas e coloridas. As cores dos carros antigos e casas dançavam sobre o palco das velhas pistas da cidade antiga, destacadas pela luz suave do sol matinal. Na minha cabeça, várias imagens e cenas interessantes se formavam e eu capturava o que podia, tentando combinar o movimento com outras cenas ou músicas.

Várias pessoas passavam pela rua e em alguns pontos podiam-se ver crianças correndo e brincando, como nas praças ou na areia da praia. A alegria dos pequenos se misturava com as faces dos diversos adultos que circulavam pelo local. Alguns com rostos amargos e silenciosos, outros alegres e bem receptivos, mas todos com suas histórias e cicatrizes do passado.

Gosto de filmar essas imagens do cotidiano e as pessoas no seu dia-a-dia. Elas parecem serenas e melancólicas quando em preto e branco com câmera lenta e me inspira a procurar por momento poéticos entre os olhares, contemplações e sorrisos.

Certo dia filmei um casal andando calmamente por uma praça. Andavam abraçados, mas cada um parecia observar situações diferentes do dia. Tinha um ar individual nos olhares, mas ainda assim, percebia-se que o corpo reagia a cada movimento conjunto. Cada estímulo de um era respondido com suavidade, harmonia e carinho. Eles eram indivíduos, mas ainda em uma sintonia que os tornavam um. Esse aparente paradoxo tornou-se um êxtase para mim.

Após mais uma curva, o carro finalmente parou em frente a um prédio de aparência antiga. Notava-se que a fachada foi restaurada, mas preservava a arquitetura passada para dar um tom harmônico com o resto da região, além de provavelmente ser uma construção tombada pelo governo. Seu interior já se destacava por ser mais moderno. Nos móveis e na tecnologia, o ambiente era realmente aconchegante aos seus hóspedes.

Apesar de prezar por um bom lugar para me hospedar, escolhi esse hotel principalmente pela região. Ela ficava perto de onde gostaria de filmar e outros amigos e *sítes* já o tinham recomendado. Também possuía uma boa conexão com a Internet e um local para guardar encomendas ou equipamentos, caso fosse necessário.

Fiz o *check-in* e fui para o meu quarto. Após algumas horas de descanso por conta do voo, resolvi começar a organizar minha agenda e separar quais pessoas encontraria pela tarde. Decidi que deveria encontrar com José primeiramente. Ele é um pescador de aproximadamente 40 anos que mora em uma casa muito antiga de madeira próximo ao mar. Acredito que ele poderá me deixar passar um dia e uma noite na casa dele por um bom valor. Isso me permitirá filmar algumas cenas em um ambiente mais rústico que seja próximo aos anos 50.

Por volta das quatro da tarde pedi um carro para me levar até a praia. O clima ainda estava ameno e não apresentava sinais de chuva. O motorista me deixou próximo à praia e fiz o restante do percurso a pé até a casa de José. O mar estava calmo e me transmitia serenidade, assim como a areia macia onde me esforçava para enterrar de leve meus pés, agora descalços, a cada passada em direção da casa antiga.

Certos momentos parecem nos arrebatam para um mundo de contemplação. A visão da casa típica de um pescador de 1950 numa composição com a praia e o mar ao fundo me remeteu a sentimentos que só havia encontrado em antigos livros e filmes. Percebi porque Nicole, o principal motivo de toda essa minha viagem, se interessava tanto por essas histórias.

Nicole! Sei que ainda não tive coragem de dizer o quanto ela é importante para mim, e manter uma aparência de desinteresse é difícil quando se ama, mas não quero arriscar sem ter certeza que é recíproco. Talvez esse vídeo que estou fazendo para ela a faça perceber e talvez isso me dê um sinal dos sentimentos dela. Mas por hora, eu tenho muito trabalho a fazer.

Estava parado na frente da casa de José para conversar sobre um possível pernoite. Meu contato em Cuba já tinha adiantado o assunto, mas precisava fechar os detalhes. A porta estava aberta e me aproximei pela varanda.

- Olá! Boa tarde! Sr. José – Chamei em voz alta da varanda.

- Boa tarde! – Veio a voz grave e rouca, porém um pouco tímida de dentro da casa.

José era um homem de estatura mediana, com aparência de uns trinta e tantos anos, com alguns fios brancos já no cabelo e no bigode. Pele morena do sol cotidiano e áspera das pescarias, perceptível pelo seu aperto firme de mão.

- Tudo bom? Meu nome é Edward! O Sr. Marcos deve ter falado com o senhor a uns dias atrás.

- Sim, ele me falou que tinha uma pessoa interessada em passar um dia e uma noite aqui em casa. Eu não compreendi bem o que se tratava, você gostaria de ficar hospedado aqui?

- Na verdade, Sr. José, seria como um aluguel por dois dias. Eu pagaria esses dois dias, mais sua estadia em um hotel e os peixes que o senhor deixaria de pegar. Em troca passaria o dia e a noite até de amanhã em sua casa. E não precisa se preocupar com seus pertences, eles ficarão intocados.

- A proposta é muito boa, mas com tantos lugares bons para se ficar, por que logo na minha humilde casa?

- Estou gravando um vídeo e preciso de algumas imagens que tenha uma casa com características antigas e a sua é ideal. Ela ainda mantém muito da década de 1950.

- Essa casa pertence a minha família há muitos anos. Muitos de nós seguiram caminhos diferentes, mas sempre houve quem guardasse essa tradição... – Ele fez uma pausa breve olhando para a estrutura da casa lembrando algum momento distante até voltar-se novamente para mim - bem, não vou ficar aqui revivendo o passado para não atrapalhar suas filmagens. Posso lhe alugar por esses dois dias, mas gostaria de acertar tudo antes se não se importar.

- Claro que não – respondi animado – será um prazer.

Entrei na casa e sentei em um banco posto próximo a uma mesa pequena de madeira. Acertamos os valores e alguns detalhes sobre os cuidados com as casas e seus pertences. Garanti que meu único objetivo era filmar algumas cenas e que tudo estaria em perfeito estado quando ele retornasse na manhã do outro dia.

Fiz o pagamento em dinheiro do aluguel assim como os valores para se hospedar no mesmo hotel em que fiquei. Com isso seria fácil de encontra-lo, caso necessário. Também seria fácil de pegar a chave com ele na noite de hoje para chegar cedo pela manhã. Concluída minha negociação com José, era hora de me encontrar com Miguel, um lojista que ficou de construir um barco de pesca de época para mim.

Saí da areia e segui pela costa até uma loja a uns dois quilômetros da casa de José. Miguel possuía um negócio de manutenção de barcos de pesca, além de outros trabalhos com marcenaria e metalúrgica, e concordou em montar um barco parecido com o de Santiago, personagem que tanto cativou Nicole.

Em pouco tempo estava na frente da loja de Miguel. A loja se prolongava da entrada principal na avenida até os fundos que davam para praia. Miguel era um senhor de uns 45 anos bastante conceituado pelo seu trabalho, já o tinha visto em sua página e falado com ele por telefone, mas ainda não o encontrara pessoalmente. Pedi que me fizesse um barco de pesca de madeira com vela e remo. Ele deveria ter também encaixes para cinco câmeras, duas nas extremidades e duas nas laterais, e um quinto especialmente projetado para filmar a partir do fundo da embarcação. Encontrei com Miguel perto da entrada da loja.

- Boa tarde! Sr. Miguel?

- Boa tarde! Eu mesmo! – Respondeu ele com um sorriso no rosto.

- Eu sou Edward! Falei com o senhor pelo telefone.

- Sim! Eu me lembro! Você é o rapaz que queria um barco de época! Já estamos terminando seu pedido.

- Ótimo! Posso dar uma olhada?

- Claro!

Fiquei bastante entusiasmado ao saber que a construção do barco estava no prazo. Miguel me levou até o fundo da loja onde os concertos e outros trabalhos eram realizados. Havia várias peças e máquinas sendo manipuladas por uns 12 funcionários em um ritmo acelerado. Perto da praia pude ver um barco rústico, praticamente já acabado, sendo verificado por um dos homens de Miguel.

- Aqui está seu barco. Da forma que você pediu. Inclusive tivemos que maltratá-lo um pouco após concluirmos para dar uma aparência de velho como você pediu, mas sem comprometer a estrutura.

- Excelente trabalho! Realmente estou satisfeito! Essa é uma parte importante de minha filmagem e estava preocupado se iria ficar fiel.

- Bem, não é nossa especialidade fazer barcos para esse tipo de trabalho, mas fizemos o melhor que possível. Fico feliz que esteja satisfeito.

- Bastante! Os locais para as câmeras também estão bem discretas, ficou muito bom!

- Ótimo! Hoje já liberamos ele. Onde quer que deixemos?

- Sabe onde ficam as poucas casas antigas de pescadores? Mais especificamente a do Sr. José?

- Claro, fica aqui perto.

- Podem deixar próximo a praia na frente da casa.

- Certo Sr. Edward, e... se não se importa, poderia lhe fazer uma pergunta?

- Claro! É sobre o que exatamente vou fazer com o barco?

- Isso! Sabe como é, não recebemos muitos pedidos desse tipo por aqui.

- Pretendo gravar algumas cenas no mar para compor um vídeo retratando como seria a experiência de um personagem de um livro que uma amiga gosta muito.

- Que interessante! Ela deve ser uma boa amiga para o senhor se dar tanto trabalho.

- Sim, ela é! Mas não é apenas isso. O vídeo vai para o meu canal onde os acessos e propagandas me garante uma boa renda. Como um dos temas do canal são experiências de personagens de livros, escolhi esse para esse mês, que também é o mês de aniversário dela.

- Nossa! Muito interessante. Acho que conheço essa história. Isso significa que o senhor vai para alto mar também?

- Pretendo! Mas não se preocupe, estarei com meu GPS de implante ligado junto com um software de sinalizador caso ocorra alguma necessidade. E minha intenção não são as mesmas do velho.

- Certo! Não vou me meter no seu trabalho. Afinal, vejo muitos documentários e vocês costumam se virar. Ainda mais com uma equipe boa. Mas tome cuidado com o mar. Ele pode parecer calmo, mas isso muda de uma hora para outra. E acho que também não preciso dizer que nem todo lugar é seguro para mergulhar.

- Fico muito grato pela preocupação, mas realmente estou com uma equipe me orientando e não pretendo me distanciar tanto nem mergulhar.

- Muito bom! Então, espero que o senhor faça um ótimo proveito de seu investimento. Desejo-lhe muita sorte Sr. Edward!

- Muito obrigado, Sr. Miguel!

Despedi-me com um sorriso e segui de volta para o hotel. Ao invés de pedir um carro fui caminhando para aproveitar um pouco do fim de tarde na cidade. Estava satisfeito com o barco e não me incomodei de depositar o restante do pagamento pela Internet para Miguel tendo certeza que teria um bom retorno.

No caminho do hotel, aproveitei para jantar em um restaurante típico e beber alguma coisa. A região era tranquila e por um momento me senti naquele momento sereno do começo da história que estava preste a retratar. Terminei meu jantar em companhia da brisa quente, porém agradável que começava a mudar na costa, levando me com ela de volta para o hotel. No quarto, organizei o equipamento que levaria para a casa de José, e fiquei à espera de Marcos, meu contato e apoio em Cuba, que já deveria estar liberado de outros afazeres para me levar com o material para a praia.

Marcos chegou por volta das sete da noite. Ele veio com uma van alugada que poderia levar o equipamento todo. Rapidamente parou na frente do hotel e desceu do carro. Com estatura média, esguio, pele parda, barba e cabelos compridos, Marcos era um rapaz mais próximo do tipo de trabalho que eu realizava. Ele fazia trabalhos de produção para outro canal que colaborava com o meu, mas ficava na região de Cuba. Isso viabilizou bastante o projeto.

- Boa noite Marcos! Como você está?

- Muito bem Edward! Bastante trabalho na produção do último conteúdo do canal, mas tudo caminhando bem.

- Muito bom! Estou ansioso para ver o próximo trabalho de vocês.

Marcos deu uma risada leve e olhou para mim com curiosidade. – Eu que quero ver o resultado desse seu projeto maluco. Tem certeza que é uma boa ideia entrar no mar em um barco de pesca daquele tamanho?

- Não vejo muitos problemas nisso, com a tecnologia que temos hoje, alguns quilômetros no mar não deve ser um grande desafio – Disse eu tentando manter quaisquer dúvidas e preocupação afastadas. Embora tivesse dito que teria uma equipe me auxiliando para Miguel, na realidade, minha equipe se resumia a Marcos.

- Bem, se você está certo disso... de qualquer forma estarei no rádio quando você for para o mar. Agora vamos carregar a van e correr para dar tempo de dormir um pouco ainda.

Colocamos o material de filmagem na van e fomos para a área da praia onde ficava a casa de José. Já tinha pego a chave dele deixada na entrada do hotel e agora era só atravessar a areia com o equipamento e montá-lo na casa para filmar alguns momentos do nascer do sol. Iriamos filmar um dia na casa e na manhã do segundo dia iria para o mar enquanto Marcos ficaria utilizando a casa como base e gravando o movimento na praia que talvez pudéssemos utilizar.

A montagem foi um pouco trabalhosa por conta das ligações elétricas que não utilizavam baterias. Entretanto, depois de organizar o espaço e iluminação, tínhamos condições de filmar pelo dia todo. O sol se levantou trazendo uma bela manhã e começamos os trabalhos nos seus primeiros raios. Tentamos utilizar utensílios rústicos, seguindo a ideia da estória.

Podia sentir a dificuldade da época, passando o dia praticamente sem comer, imaginado como seria não ter como negociar qualquer alimento por não pegar qualquer peixe por mais de oitenta dias. As roupas eram precárias, mas nesse aspecto não incomodava tanto por conta do clima tropical da ilha.

Como o objetivo do vídeo não é necessariamente interpretar o personagem, mas fazer uma espécie de documentário sobre como seria sua vida e experiências nos pondo em situação parecida, utilizamos citações, situações ou o contexto para escolher algumas atividades e expressarmos nossas sensações de um dia típico dos personagens. Dei-me o luxo de um pouco de arroz com peixe, retratando como seria uma refeição. Um pouco depois provei o óleo de fígado de tubarão, e no momento da cerveja na varanda, fiz questão de dividi-la com Marcos, o que de certa forma o colocou no papel de garoto.

- Então, meu rapaz, como se sente ao acompanhar o baseball pelo rádio enquanto bebe uma cerveja? – Perguntei a Marcos com tom de velho pescador.

- Admito que tenho vontade de dar uma espiada no meu celular agora para verificar minhas mensagens e perfil. – Disse em uma risada leve. – Mas não vou estragar a experiência.

- Também acho um pouco estranho. – Inclinei-me na rede da varanda. – Mas preciso admitir que essa serenidade me é agradável. Acho que nunca tinha experimentado essa calma e certo desprendimento com a tecnologia. Claro que não tanto, já que estou filmando e conectado ainda pelo meu implante.

- Claro! Você agora é uma pessoa 100% conectada! – Marcos riu dando outro gole na cerveja.

- Nem tanto! Eu mantive a gravação, mas não estou recebendo qualquer mensagem no momento. Deixei desligadas as notificações para não atrapalhar na imersão. Assim também me permite ouvir melhor o som da praia e do mar.

- Já está começando a falar como um pescador! – Disse Marcos com uma risada alta. – Logo vai largar tudo e vir morar aqui!

- Quem sabe não é essa a armadilha que prende artistas a esse tipo de lugares?

- Ops! Então está pensando mesmo nisso?

Fiz um minuto de silêncio para deixa-lo na expectativa antes de dar minha resposta.

- Claro que não! – Respondi com uma risada alta com o olhar duvidoso de Marcos. – Pelo menos não agora! Quem sabe um dia quando for velho e ranzinza!

- Certo... – Ele respondeu com um olhar descrente – Mas acho que você está se afeiçoando por essa experiência mais do que conta.

- Não posso negar isso. Essas retratações mexem com a gente. Umas mais, outras menos, mas todas deixam algo.

Fizemos um breve silêncio, como se cada um imaginasse como seria a vida em outro momento ou tempo. Uma reflexão daquilo que somos e como viemos a ser que começa com um simples “e se?”. Algo que se estende desde a fantasia de sermos outras pessoas até os momentos marcantes de nossas vidas que poderiam nos ter levado por caminhos totalmente diferentes se a escolha, atitude ou mesmo o silêncio tivesse sido diferentes. Como estaríamos, o que teríamos feito, quem conheceríamos? Será que ainda seria a Nicole a pessoa por quem meus sinos dobram? Ou ela seria apenas mais um rosto em um oceano de pessoas, profiles e links.

Uma brisa um pouco mais forte nos trouxe de volta a realidade e encerramos nossa reflexão em mais um gole de cerveja. – Pronto para o jogo? – Perguntei virando para o Marcos e pegando um rádio antigo quebrado, porém com um tocador digital embutido na carcaça. Encontramos na Internet, depois de certa procura, algumas das transmissões de rádio de velhos jogos de baseball dos Yankees com Joe DiMaggio. Ligamos uma gravação de forma aleatória e sem saber qual dos times iria ganhar. Cada um de nós torcemos para um dos times e apostamos alguns trocados. Claro, eu estava torcendo para os Yankees mantendo a afinidade com o personagem do livro.

O jogo era contra o time Phillies pela liga mundial e parece que tive sorte na minha “escolha”, pois os Yankees ganharam o jogo com uma boa participação de DiMaggio. Admito que não sou muito fã de baseball, mas foi realmente excitante acompanhar a partida no rádio. O fato de não ver o que está acontecendo e depender da expressividade do narrador pode deixar, mesmo os mais calmos, uma pilha de nervos. Imagino que o futebol possa ser mais interessante também.

Com o fim do jogo, recebi meu prêmio pela vitória que pagaria meu café com croissant na espera do aeroporto, e começamos a focar nas filmagens do anoitecer. A temperatura já era mais amena, mas não baixara muito. O sol foi se pondo aos poucos e as estrelas surgiam junto com a lua cheia no céu límpido.

Era uma visão agradável, apesar do dia um pouco cansativo. Percebi que estava feliz com meu trabalho e as oportunidades que tinha de viagens e projetos, mas que aquele momento era uma fantasia. Aquela não era minha vida e eu nem estava perto daquela realidade. Um verdadeiro pescador que estivesse ali, com as roupas encardidas, comendo pouco de favor e a mais de oitenta dias sem conseguir um peixe bom para vender estaria cansado e preocupado com os dias que viriam. Com poucas esperanças, mas sem ceder por saber que precisaria ir para o mar quantas vezes fossem necessárias até conseguir algo que lhe desse algum alento. Era uma sensação angustiante, suportável talvez apenas por um certo senso de dever ou certeza do que se é e do que se sabe fazer bem. Isso também unido à ideia de que o mar é um lugar muito grande e maravilhoso para privar um pescador de seu sustento.

Conversamos um pouco mais e encerramos a noite para nos prepararmos para o dia seguinte, inclusive verificar se o barco estava no local certo que tínhamos pedido. Teríamos que acordar cedo para carrega-lo e eu partiria para o mar logo cedo. Seria a parte final do vídeo e nesse ponto estaria sozinho, comunicando-me apenas pelo meu implante com o Marcos que permaneceria na casa de José. Guardamos a maior parte do equipamento e deixamos apenas uma câmera para filmar a experiência de dormir na cama humilde da casa antiga. Admito que não foi minha melhor noite, ainda mais acordando tão cedo, mas o cansaço ajudou a cair no sono.

Não tive sonhos com leões ou mesmo da África. Nos meus sonhos, as únicas lembranças que me vinham eram momentos da semana anterior em eventos ou conversas com Nicole. Minha queda de braço se limitava a meu medo contra a vontade crescente de dizer o que sentia. E diferente de Santiago, a manhã chegou novamente sem um vencedor.

- Edward! Edward! Levante! Fiz café nesse bule antigo que achei. Inclusive estou incluindo isso na filmagem. – Disse Marcos me sacudindo.

O sol ainda não tinha surgido quando ele me acordou. Programei meu implante para iniciar a gravação assim que acordasse para não perder eventos como esses. Logo que me toquei que ele estava me chamando, virei e o vi com o bule surrado, antiquado e alongado, com uma tampa ainda presa pela alça. O cheiro de café tomava o ambiente e atiçava a vontade de levantar. Marcos também preparava algumas torradas no fogão precário de José utilizando uma frigideira.

- Bom! – Disse Marcos – Não é porque você é um pescador que precisa ir necessariamente de barriga vazia para o mar! Afinal você não é realmente o velho. – Disse mordendo um pedaço de pão.

- Na verdade, acho que deveria tomar apenas o café, já que como um bom garoto você também o trouxe pela manhã. Mas o pão não condiz com os oitenta e quatro dias sem peixe.

- Bom, você quem sabe, mas se for seguir mais à risca, prepare-se para comer um pouco de sushi no barco, caso dê sorte de pescar alguma coisa. – Disse Marcos com uma risada leve.

Terminamos o café e fomos filmando o percurso para o barco onde colocamos o equipamento de pesca rústico. Depois dessa cena, adicionei as câmeras para gravação sem fio que seriam conectadas com meus implantes. Dessa forma eu teria as imagens tanto das laterais e pontas do barco, como também de dentro do mar abaixo do barco. Coloquei mais uma câmera na frente para capturar minhas reações também.

Com uma das câmeras noturnas em um tripé na praia, filmamos o arrastar do barco até superar a margem e ter alguma navegabilidade. Tinha os remos e a vela já preparados e assim que Marcos me liberou em direção ao mar fui junto ao leme guiando meu destino. A medida que me afastava, podia filmar a ilha se afastando com suas luzes brilhando ao mesmo tempo que imaginava o que o velho pescador sentia ao partir para pescar. Percebia a água passando rápida nas batidas com o casco e sentia a força com que o barco avançava ao enfrenta-la mergulhando minha mão nela. De certa forma, era uma sensação libertadora.

Fiz um treinamento antes de viajar para realizar essa parte da filmagem em um barco veleiro, mas a sensação agora era bem diferente. Naquele momento, sozinho e sentindo o nascer do sol misturado às gotas levantadas pelo barco que vinham com a brisa, parecia que não existia mais nada além de paz. Que tudo era simples e possível. Que se podia passar horas em contemplação e depois tudo seria resolvido porque nada era realmente tão complicado ou importante quanto fazemos parecer. Essa sensação me deixou entorpecido por alguns momentos, até que o dia se tornou mais quente e as batidas na água mais monótonas.

Perto das oito horas já estava a uma boa distância e passei um comunicado para o Marcos pelo aparelho na proa que tinha trazido comigo. Avisei que estava tudo bem e que a experiência era muito agradável. Depois de certo tempo, algumas andorinhas vieram me fazer companhia e me senti mais imerso na estória. Lembrando do livro, imaginava se estavam

vendo algum cardume por perto. Admito que fiquei bastante empolgado com a coincidência e registrei com as câmeras do barco e do implante capturando meu ponto de vista. Por fim, segui a dica das aves e tentei pescar próximo de onde tinham sobrevoado.

Peguei as linhas e coloquei a isca nos anzóis comentando e tentando mostrar como seria a experiência no vídeo. Joguei-as ao mar e fiquei observando seu movimento e tentando deixa-las perpendiculares. Tudo parecia bem quieto no fundo. A câmera mostrava o movimento de um ou outro peixe que as vezes beliscava a isca, mas a nenhum mordida com vontade. Criava uma certa expectativa no vídeo para dar algum drama, mas não contava que algum deles mordesse com aquelas atitudes tímidas. Entretanto, depois de aproximadamente uma hora, uma albacora mordeu com força a isca, despertando-me para um estado ainda maior de excitação.

- Uma albacora! – Gritei para as câmeras. – Parece que essa imersão vai ser mais intensa do que imaginei!

Era uma experiência realmente empolgante. Em muitas situações, não se pode fazer muito mais do que imaginar o que o personagem tenha passado, mesmo nos livros de histórias mais reais. Mas naquele projeto, eu estava revendo várias situações semelhantes e me animava a tentar imaginar mais profundamente o que um velho pescador poderia sentir.

Embora estivesse animado, tentei lembrar que aquele peixe não era algo tão especial para o velho pois não tenha garantiria seu sustento, significando pouco mais que uma isca para peixes maiores. Tentei deixar isso claro na filmagem também e separei o peixe para prova-lo em breve. Continuei minha pesca e tive sorte de pegar mais um peixe menor.

Já estava perto das dez da manhã quando vi algumas nuvens mais escuras se aproximando. Imaginei se poderia vir alguma tempestade que estragaria minha filmagem e fiz uma primeira sincronização dos arquivos, apesar das câmeras estarem protegidas contra água. Tentando aproveitar mais o tempo antes de um possível retorno antecipado, me desloquei um pouco mais para longe, em busca de outros peixes, não apenas para pescar, mas também filmar com a câmera submersa.

Foi quase perto da hora do almoço que tive minha grande surpresa. Estava repassando algumas informações de merchandising quando vi um grande vulto passando na câmera inferior. Suspendi os comentários com um olhar curioso e desconfiado e mantive a conexão para identificar o que poderia ter sido. Uma brisa fria, diferente do ar que vinha me acostumando, soprou trazendo um silêncio de expectativa. As aves tinham sumido e não parecia haver mais nada sob as águas. Uma segunda brisa agitou de leve o mar, quebrando suavemente o silêncio com as batidas do balanço do barco contra as pequenas ondas que ela trouxera. Eu permanecia de pé, estático, buscando pela câmera algum movimento do que tinha impressão de ter visto. De repente, uma das linhas começou a deslizar rapidamente para fora do barco, partindo violentamente a vara, e me atirei na direção dela para segurá-la.

Tentando contê-la, mas deixando-a deslizar para evitar que cortasse minha mão, segurei a linha que desenrolava rapidamente do carretel. Quando finalmente consegui segurá-la, percebi o peso do peixe que havia fispado a isca. Deveria ser enorme, e quase instintivamente passei pelas minhas costas para travá-la e apoiei meu pé na proa fazendo contrapeso. No mesmo instante lembrei-me do velho Santiago e notei que meu barco também começava a se mover.

- Incrível! Vocês não podem acreditar no que está acontecendo! Ele deve ser enorme!
- Gritei para as câmeras. – De todas as nossas imersões, essa com certeza é a mais intensa e surpreendente! Eu quase posso me sentir o velho Santiago! Só falta conferir o que realmente está me puxando!

Tendo uma posição e distância mais exatas, pude direcionar a câmera de fundo para quem estava me puxando. Vi então o enorme peixe, tal qual o que fora descrito, nadando ferozmente na direção da região de nuvens escuras, aparentemente sem se importar de rebocar-me com ele. Era uma visão incrível. Fiz imediatamente o upload do que pude para evitar qualquer perda e, embora o sinal não estivesse muito bom, consegui fazer a cópia para o servidor bem a tempo de abrir mais espaço para gravação.

Estava encantado. Com certeza iria deixar a Nicole muito animada ao ver o resultado do projeto desse mês. Ela sempre gostou desse livro por ser o que os pais dela costumavam ler, com algumas modificações no início, para ela dormir quando criança. Agora eu estava retratando algumas situações com um nível de profundidade que provavelmente a surpreenderia. No fim, seria eu que teria que agradecê-la por ter vivido esses momentos.

Tentei-me manter firme enquanto era puxado pelo peixe e comecei a me sentir forte e imponente. “Vou mostrar para esse peixe, assim como Santiago”, dizia para a câmera. Fiquei determinado a captura-lo e amarrá-lo ao lado do barco, nem que demorasse o dia todo. Lembrei das dificuldades de Santiago, mas ele era apenas um velho. Sendo mais jovem, talvez conseguisse um resultado em menos tempo.

Tentava copiar o velho pescador dando ao peixe um pouco de linha em certas horas e tentando cansá-lo, garantindo-lhe o meu peso e do barco para puxar. Permaneci naquela situação por mais algum tempo até que o peixe diminuiu a pressão sobre a linha. Nesse tempo, copiei as filmagens armazenando-as no dispositivo de armazenamento do implante, já que estava tendo dificuldades de sincronização por conta do mal tempo que se aproximava. Na câmera, capturava o movimento imponente do peixe e seu enorme comprimento. Era de se esperar que encantasse qualquer pescador que o encontrasse.

A chuva começou a cair de leve no início e tentei manter o ânimo e os comentários. O mar não ficou muito revoltado, mas já tinha mais dificuldades de me manter equilibrado. Ainda assim, estava determinado a ser como o velho e pescar aquele peixe. Abaixei-me um pouco mais para garantir estabilidade e alternei as mãos para descansar um pouco da posição que estava anteriormente. Permaneci por aproximadamente mais uma hora nessa posição, sendo puxado em um ritmo lento pelo peixe nas águas do golfo.

Como não tinha comido nada nas últimas horas e querendo retratar a situação com Santiago na questão da refeição no barco, posicionei-me de forma que pudesse abrir um dos peixes que tinha pescado mais cedo. Cortei a carne em tiras e comecei a comer alguns pedaços. Nessa minha distração, parece-me que o grande peixe se aproveitou de minha arrogância e explorou a oportunidade.

Com uma mudança repentina de comportamento, o peixe retomou com um puxão violento a velocidade na qual agarrou a linha, arremessando-me para frente com força. Não consegui me equilibrar e fui atirado para a proa acertando meu comunicador e câmera frontal enquanto era lançado ao mar entre pancadas nas bordas do barco.

Senti-me atordoado e confuso enquanto o mundo se preenchia por água a minha volta. Agora não mais da chuva, mas do mar que me engolia e silenciava. Tudo a minha volta pareceu passar em câmera lenta, apesar de não estar gravando dessa forma e finalmente comecei a me recompor. Meu implante se auto ajustou para conseguir uma visão mais nítida embaixo d'água e foi então que vi o enorme peixe retornando de um salto na água e passando devagar, próximo de mim, com o que me pareceu um ato de zombaria e intimidação.

- “Olhe para mim. Eu não serei seu troféu”. – Parecia me dizer. – “Quem você pensa que é? Santiago?”

Ele então se distanciou e sumiu na escuridão das águas. Eu fiquei em choque por um instante e então me recompus percebendo que precisava subir para respirar e retornar urgentemente ao barco. Voltei a superfície rapidamente retomando o fôlego e avaliando a situação.

O barco não tinha ficado muito longe e a chuva não estava forte para afastá-lo ou jogá-lo sobre mim. Eu estava com dor no corpo pelas pancadas, um corte superficial no rosto e as mãos machucadas pelo atrito da corda, mas poderia nadar até o barco sem problemas. Comecei então a dar braçadas largas na direção da embarcação enquanto mantinha o rosto submerso para facilitar o nado. Foi então que percebi que existia outro vulto perto de mim, mas um pouco abaixo.

Por um instante, imaginei que o grande peixe havia voltado para zombar novamente ou talvez se vingar do que tinha lhe feito, mas dessa vez a forma parecia diferente. Percebi então que não se tratava do peixe, mas de algo que foi atraído pelas minhas feridas. Algo feroz e determinado a devorar o ser derrotado, seja o peixe no livro, ou o homem lançado ao mar.

Comecei a nadar mais forte, enquanto a câmera do meu implante capturava os movimentos do tubarão mako abaixo de mim. Ele se distanciava e então voltava excitado pelo cheiro do sangue que se desprendia de minhas feridas. Imaginava, nas minhas diversas coincidências nessa imersão, que poderia encontrar com um deles, mas não esperava estar nessa posição.

Cada braçada me deixava mais perto do barco, mas ainda assim ele parecia não chegar nunca. Forcei mais um pouco o nado enquanto via o tubarão realizar uma última volta e vir em minha direção. Um desespero tomou conta de mim e não sabia se preferia a ignorante expectativa barulhenta de manter a cabeça acima da água focada no barco ou o silêncio consciente observando o movimento do predador. Comecei a bater meus pés freneticamente e imaginar como seria quando ele finalmente me pegasse caso não alcançasse o barco.

A lente do meu implante se ajustou focando a sombra que ia se tornando mais nítida ao se aproximar. Fechei os olhos e comecei a sentir meus músculos se contraírem esperando o pior quando senti minha mão batendo no barco na braçada seguinte. Coloquei a cabeça imediatamente para fora da água e agarrei a embarcação forçando meu corpo rapidamente para dentro. Estava com a metade do corpo praticamente inclinado para dentro do barco e esperançoso de conseguir fugir quando senti um puxão violento na perna esquerda. Segurei com força na estrutura interna do barco para não voltar para a água e senti que algo se rasgara. Num ato de desespero, puxei-me com toda a força para dentro e me joguei no chão gritando alucinadamente de dor, raiva e desespero.

Olhando então para o céu, respirei fundo várias vezes e tentei conter o desespero. Olhei então para minha perna e vi que um bom pedaço da carne tinha sido arrancado da minha perna e não conseguia mover direito nem ela nem meu pé. O barco estava banhado de vermelho pelo sangue misturado à água da chuva e do mar. Um enjoo e desespero começou a tomar conta de mim e tentei respirar fundo novamente até que conseguisse pensar melhor. No mar, o tubarão ainda batia embaixo do barco, e podia vê-lo se aproximar e se afastar pela câmera, como se reclamasse por mais um pedaço.

A fúria se apoderou de mim e peguei o arpão que tinha trazido com as outras coisas de pesca como as usadas por Santiago e tentei acertá-lo quando passava por baixo do barco. Em algumas das minhas ofensivas, atingi o tubarão, mas não a ponto de conseguir mata-lo, e o vi então se afastar até desaparecer como o grande peixe na escuridão. Retomei então a mim e tentei avaliar a situação, apesar da dor e angústia.

Minha perna sangrava muito e precisava estancar o sangramento. Rasquei a camisa e fiz um torniquete envolta da minha perna utilizando o cabo da faca para apertá-lo. Bebi um pouco de água e dei outra respirada funda para me concentrar no que fazer. Voltei-me para o comunicador na intenção de entrar em contato com o Marcos e chamar ajuda o mais rápido possível, mas ao virar para proa percebi que na minha queda o tinha derrubado juntamente com a câmera frontal. Sendo assim, restava-me apenas a conexão via meu implante, mas o mal tempo a muito estava prejudicando meu sinal.

Um calafrio percorreu todo meu corpo. Percebi que estava debilitado e talvez não conseguisse ajuda tão cedo. Apesar do torniquete, ainda perdia um pouco de sangue, e meu corpo já estava cansado e debilitado por todas as atividades que tinha me exposto durante os dois últimos dias. Sem muita opção, ativei um sinalizado no meu implante na esperança que alguma embarcação próxima o detectasse, e deitei no barco olhando para a chuva torcendo para que ela acabasse logo, mesmo que ainda não desse indicativo de melhora.

Fiquei observando e gravando a chuva caindo lentamente sobre meu rosto. Lembrei-me da varanda quando imaginava como as decisões que tomamos influenciam nosso futuro e o que poderia acontecer se tivessem sido outras. Imaginei como tudo aquilo poderia ter sido diferente. Pensei em como pude ser tão prepotente a ponto de achar que conseguiria agir como um pescador experiente, ainda mais como Santiago.

- E ele é um personagem de um livro! – Pensei alto. - Eu quis desafiar o mar sem nem mesmo aprender a respeitá-lo. “Cuidado!”, disse-me Miguel! E eu nem dei a devida atenção.

Sentia-me entorpecido, a dor começava a se misturar com a dormência do resto do corpo e minha consciência parecia se perder em meio a um furacão de sentimentos e pensamentos.

- Nicole! – Falei – Por que não tive coragem de conversar contigo. De falar o que realmente queria. De dizer quanto te amo...

O barco se agitava no mar mais revoltado e meus sentidos foram começando a se apagar. Percebi que não conseguiria permanecer muito tempo acordado. Liberei o acesso ao implante caso Marcos me encontrasse e tentei recapitular as diversas imagens e vídeos que tinha com a Nicole em minha memória. Separei algumas delas e fui passando e as assistindo, observando-as carinhosamente até perder por completo a consciência.

...

Luz... luz suave. Não me sinto morto. Na verdade, sinto-me muito real. Solto um leve murmuro e então uma mão confortável alisa minha cabeça e pega de leve minha mão. Será esse o paraíso? Eu sinto seu perfume: Nicole!

Abro devagar meus olhos e a vejo. Ela sorri para mim. Se inclina e me beija. Primeiro de leve e então com mais intensidade.

- Não precisa tentar se matar para dizer que me ama – Ela disse. – Podia ter me falado.

- Tinha medo de ser uma ilusão minha e te perder inclusive como amiga. Tentei deixar sinais, mas sem me expor muito. Por isso acho que você nunca via.

- Realmente, sempre me deixaram na dúvida. Tinha medo também de interpretar errado.

- Eu te amei na primeira vez que te vi, assim que você retribuiu um sorriso para mim naquela mesa de bar.

- E eu quando te vi tentando chegar como um grande artista, mas todo atrapalhado para arrumar e sentar na cadeira do bar. – Ela disse abrindo um sorriso.

- Acho que valeu a pena ter feito essa estória afinal. – Falei retribuindo o sorriso.

Nicole me beijou suavemente e olhou profundamente em meus olhos.

- Acho que temos uma história mais importante para tocarmos agora. Você precisa dizer que me ama.

- Eu te amo!

- Não! Pessoalmente. Edward! Venha me encontrar! – Disse Nicole, envolvendo-se em uma grande luz pálida.

Acordei em um susto respirando profundamente e soltando em seguida um grito mudo de dor ao sentir a perna. Não tinha certeza se horas ou minutos tinham passado, mas a chuva tinha diminuído e era possível ver a lua cheia saindo por trás das nuvens. Olhei em volta e percebi que ainda estava dentro do barco no meio do mar. Minha perna estava horrível, e ainda me sentia atordoado, mas a adrenalina do sonho me fez despertar por um momento e juntei forças para puxar a vela e alinhar o barco no sentido da ilha.

Apoiei-me na proa para ver a aproximação com a terra enquanto tentava sinal pelo meu implante. Ainda perdia sangue e não sabia se daria tempo de chegar vivo na praia. A ilha ia crescendo a minha frente e a única coisa que me mantinha desperto era a ideia de me encontrar com Nicole e me declarar.

A chuva finalmente parou e os sons predominantes passaram a ser apenas da batida do barco contra as ondas. Forcei meu corpo para me posicionar junto aos remos e os utilizei para acelerar o barco. A medida que o tempo passava a ilha ia se tornando maior e finalmente consegui sinal com Marcos.

- Marcos! Marcos! – Falei com a voz quase falhando.

- Edward! Onde você estava? Perdi contato com você a horas! Estava pedindo resgate.

- Estou quase chegando na ilha! Vou precisar de uma ambulância! Estou muito machucado!

- Cristo! Já estou providenciando!

Durante o trajeto, fui passando as coordenadas para Marcos. O barco chegou à praia antes que fosse possível para ele mobilizar resgate marítimo, mas como minha localização, conseguiu mobilizar uma ambulância. Cheguei a praia e fui removido às pressas do barco e colocado na maca deitada na areia.

Naquele momento, senti que o meu arco com a estória do livro tinha se fechado exceto por ter me forçado a ficar acordado. Fui levado ao hospital e ser sedado. Marcos, novamente no papel de garoto, permaneceu ao meu lado no quarto após o atendimento de emergência acompanhando minha situação. Os médicos entravam e saiam e fiz diversas cirurgias até estabilizar. Informações eram trocadas entre os médicos e Marcos, que também as retransmitia para os diversos canais da Internet, tanto nos meus como nos de nossos conhecidos. Houve uma comoção durante os primeiros dias e milhares de seguidores mandaram mensagens de apoio e melhoras.

Passei um pouco mais de duas semanas me recuperando até ser movido para um hospital em meu país e continuar o tratamento para reconstruir minha perna, inclusive com componentes biônicos. Entretanto, após tudo que tinha passado, não era mais minha perna ou meu canal que me preocupavam quando voltei. Precisava encontrar com a Nicole e aquele sorriso pelo qual me apaixonei, para finalmente me expor e falar tudo aquilo que queria a muito tempo, mas que apenas o Velho e o Mar me deram a coragem para dizer.

Texto: Gustavo Cordeiro Galvão van Erven

Ilustração: Igor Goes Campos Saldanha